



XIX ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO (EREBD/PB)

GT 5: Tecnologia e Informação

Comunicação oral

O LIVRO DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE A ACEITAÇÃO E USO

Milena da Silva¹

Resumo: O livro digital tem por definição a organização lógica e de conteúdo em formato de livro, num suporte digital. A pesquisa feita sobre ele tem como objetivos sintetizar a importância do livro digital e sua aceitação hoje, e tentar entender como se dá o real uso de livros em suportes digitais dentre os discentes do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob o pressuposto de que apesar ter inúmeras facilidades e possibilidades de uso, o suporte digital para livros é impopular. Traz uma breve revisão quanto às transformações históricas do livro e possíveis motivações que trouxe o levou a seu suporte digital. Aborda o mercado do livro digital. Quanto à metodologia, é de levantamento bibliográfico e de nível descritivo; nos procedimentos técnicos, utiliza um questionário de seis questões em formato online como ferramenta para obtenção de dados, compartilhado em grupos do Facebook das turmas do curso estudado. Tem como resultados a confirmação do pressuposto, visto que a maioria dos respondentes utiliza livros digitais para economizar financeiramente. Conclui que a preferência do livro clássico é majoritária a contexto geral e local, e que o suporte digital é sempre uma segunda opção para os leitores.

Palavras-chave: Livro. Leitura. Suporte digital. Livro digital. Necessidade informacional.

Abstract: *The digital book has by definition the logical organization and content in book format, in a digital format. The research done it aims summarize the importance of digital book and your acceptance today, and try to understand how is the real use of books in digital support from the students of library science of Universidade federal de Pernambuco (UFPE), under the assumption that despite having numerous facilitations and possibilities of use, the digital support for books is unpopular. Behind a Brief review about the historical transformations of the book and possible motivations that led him to a digital support. Addresses the digital book market. As for the methodology, it has is a bibliographic review and descriptive level; in the technical procedures, uses a questionnaire of six questions in an online format as a tool to obtain data, shared in facebook groups*

¹ Aluna de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco

of the course. Its results confirm the presupposition, since most of the respondents use digital books to save financially. It concludes that the preference of the classic book is the majority in a local and general context, and that the digital format is always a second option for readers.

Keywords: Book. Reading. Digital Support. e- Book. Informational need.

1 INTRODUÇÃO

Todo o suporte informacional que conhecemos como livro mudou durante os séculos. Ainda assim, com o avanço da tecnologia, advinda da *Web* e conseqüentemente com os progressos da nossa atual Sociedade da Informação, ainda existe um aparente receio para com a completa inserção do digital, como forma legítima para o livro em toda sua amplitude.

Como é definido pela Política Nacional do Livro, Lei n. 10.753 de 2003, o livro pode ser considerado como “(...) Parágrafo único. São equiparados a livros, fascículos, publicações de qualquer natureza que representem parte de livro, (...) livros em meio digital, magnético e ótico, para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual; livros impressos no Sistema Braille.”. Ou seja, ambos os tipos – livros de papel e digital estão em pé de igualdade amparados por lei.

Mundialmente conhecido como *e-book*, do acrônimo *eletronic book*², tem como pressuposto a compactação e visualização de título em papel num formato menor e com mais facilidades de ser acesso – mas não necessariamente mais facilidade de ser lido, visto que é necessário ter suportes digitais (leitores digitais, *smartphones* ou computadores) para poder lê-lo.

O ano de 2013 foi o estopim brasileiro para o livro digital, quando nos meses de outubro a dezembro do ano anterior, sites como a Amazon³ e as grandes internacionais como Apple, Google e Kobo⁴ chegaram ao país. Segundo a matéria do jornal Estadão, as vendas foram previstas para cobrir 2,5% dos lucros das editoras.

Assim, através da pesquisa abordada neste artigo, procura-se fazer uma descrição do contexto local de utilização dos livros digitais, traçando uma tendência para os estudantes de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entendendo a que passos anda a assimilação do *ebook* em comparação ao livro de papel, e qual seria a preferência de suporte pelos usuários.

² Do inglês, “livro eletrônico”.

³ Empresa internacional de referência em venda online, sediada nos Estados Unidos.

⁴ Leitor de livros digitais desenvolvida pela empresa KoboInc sediado no Canadá.

A presente pesquisa tem como objetivo fazer um delineamento do suporte digital como forma válida a se ler livros, considerando suas preferências e hábitos de leitura, através de uma contextualização do livro como elemento social e seu suporte como sendo uma ferramenta tecnológica, obviamente suscetível a mudanças.

Este trabalho abordará os aspectos de usabilidade para entender e exemplificar, de forma comparativa, a forma como o livro digital é utilizado em relação ao seu suporte clássico; tentando entender a forma como o livro digital é assimilado por nossa atual sociedade. No entanto, não contemplará neste estudo debates a cerca de políticas públicas ou direitos autorais, focando apenas na forma como o usuário vê, assimila e entende o livro em seus suportes.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa possui natureza bibliográfica e de levantamento, utilizando procedimentos descritivos, já que busca descrever o uso de livros digitais através da pesquisa; quanto aos procedimentos técnicos, é caracterizada como quantitativa utilizando o questionário como ferramenta para obtenção de dados. (GIL, 2012). O questionário é composto de seis questões de múltipla escolha, disponibilizado via formulário digital. Para visualizar o questionário, consulte o Quadro 1.

Assim, diante do que foi visto na literatura sobre a área, surgiu o interesse de entender como se dá o uso do livro digital pelos leitores de forma geral e também específica, fazendo um recorte regional de usuários através do método estatístico para comparação do que foi visto anteriormente.

Quadro 1 - Questionário

- | |
|---|
| <p>1) Qual seu período? _____</p> <p>2) Você tem o hábito de ler? <i>Marque apenas uma alternativa!</i></p> <ul style="list-style-type: none">a) Não, leio apenas por alguma necessidade/motivob) Sim, gosto de ler e faço por lazer <p>3) O que você espera ao baixar livros (PDF, E-mobi/livro digital) na internet? <i>Pode marcar mais de uma alternativa!</i></p> <ul style="list-style-type: none">a) Economia financeira.b) Facilidade ao transportar o livro.c) Praticidade para buscar um trecho/palavra do livro.d) Conforto na leitura.e) Por necessidade / Não tenho como acessar o livro de papelf) Facilidade de ler várias coisas ao mesmo tempog) Não leio livros digitais.h) <p>4) O que você acha de ler por grande quantidade de tempo em leitores digitais? (<i>ereaders</i> como Kindle,</p> |
|---|

Kobo, etc). Marque apenas uma alternativa!

- a) Tão confortável quanto um livro
- b) Desconfortável, mas possível de fazer.
- c) Não gostei.
- d) Nunca experimentei.

5) O que você acha de ler por grande quantidade de tempo em celulares, tablets e computador? Marque apenas uma alternativa!

- a) Tão confortável quanto um livro.
- b) Desconfortável, mas possível de fazer.
- c) Não gostei.
- d) Nunca experimentei.

6) Você pagaria para fazer downloads de livros em seu computador ou leitor digital/ereader?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Talvez.

2.1 QUANTO À COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

A população escolhida para análise foi os alunos de graduação do curso de Biblioteconomia da UFPE que estão ativos no período do segundo semestre letivo de 2015. O questionário foi aplicado em forma de formulário digital, divulgado através de grupos de *Facebook* das turmas de biblioteconomianos dias de 12 a 19 de novembro de 2015. A amostra foi delimitada através do método aleatório, no qual voluntários respondiam o questionário.

2.1.1 Perfil dos respondentes

O total de 54 discentes respondeu voluntariamente o questionário, visto que o universo é composto por 212 alunos; assim, 26% do total de alunos responderam a pesquisa. As turmas pesquisadas estão todas ativas atualmente, que são do segundo, terceiro, quarto, quinto e sétimos períodos, que correspondem respectivamente ao 1, 2, 3 e 4 anos de faculdade, além dos que permanecem mais de 8 períodos no curso.

Tabela 1 – Períodos dos discentes que compuseram a pesquisa

Períodos	Respostas	Porcentagem
2 período	12	22%
3 período	1	1%
4 período	14	26%
5 período	17	31%
7 período	6	11%
Já estou mais que 8 períodos no curso	4	7%
Total	54	100%

Quanto aos hábitos de leitura, foi visto como uma forma de analisar os respondentes de forma justa, visto que a preferência por ler ou não ler pode ter influência direta com o hábito de gostar de livros digitais.

Tabela 2 – Hábitos de leitura dos respondentes

Alternativas	Respostas	Porcentagem
Sim, gosto de ler e faço por lazer	49	91%
Não, leio apenas por alguma necessidade/motivo	5	9%
Total	54	100%

3 AS MUDANÇAS HISTÓRICAS DO LIVRO EM SEUS SUPORTES

Todas as mudanças tecnológicas no suporte do livro se mostraram através de três aspectos físicos: o pergaminho, o códice, o impresso e agora, o eletrônico. Vale ressaltar que em determinados momentos históricos um conviveu com o outro, um tipo de suporte não sumia quando outro aparecia; ainda que o mais antigo pudesse cair em desuso, era um processo gradual de adaptação. (MARTINS, 1996). Houve vários desenvolvimentos de tecnologias que, para melhor servir a sociedade em cada época, o livro se apossou.

Com a escassez natural do papiro⁵ e as guerras consequentes, novos suportes de escrita foram tentados. Dentre eles, surgiu o pergaminho, que analisando de perspectiva superficial, utilizava-se de pele animal – geralmente o carneiro – para sua confecção. (MARTINS, 1996).

Então o códex surgiu. Também chamado de Códice, era a união dessas folhas de pergaminho unidas pelo dorso e cobertas por uma capa; muito próximo do livro que possuímos hoje. Entre os suportes citados, o códice acabou por ganhar mais usuários, “por oferecer curso relativamente baixo, facilidade de produção, maior retorno sobre o investimento, conciso e facilitação da leitura” (FISCHER, 2006, p.77).

Como dizem Eco e Carrière (2010), ainda hoje são feitas modificações nos livros; desde folhas à encadernação. Ainda hoje são feitas modificações nos livros; desde folhas à encadernação. “(...) faz parte, assim, de um conjunto de poderosas transformações que, sem dúvida, podemos imaginá-lo, não nasceram no mesmo dia e de maneira propícia a acumular instantaneamente seus efeitos perturbadores” (MARTIN; FEBVRE, 1992, p.15).

Assim, nota-se que o suporte em que havia a escrita era constantemente mudada, não necessariamente aperfeiçoada. Tais mudanças surgem a partir de necessidades informacionais

⁵ Suporte para escrita desenvolvido pelos egípcios, quais mais antigos datem de 3.500 anos atrás. Sobre cada folha, o texto era escrito em colunas e cada uma delas se colava, em seguida, pela extremidade à folha seguinte, de forma que se obtinham fitas de papiro com, às vezes, dezoito metros de comprimento, como diz Martins (1996, p.60-62).

a serem saciadas (SILVA, 2012). Pode ser subentendido que, como fruto dessas necessidades, surgiu o livro digital.

O marco inicial na história do livro eletrônico foi o Projeto Gutenberg, iniciado em 1971, que tinha como proposta a digitalização de textos e livros para distribuição; é conhecida como sendo a primeira biblioteca digital. “A disponibilização de livros em formato digital é algo que sempre foi experimentado desde a criação dos computadores, os disquetes-livros foram os primeiros a serem lançados (...)” (ARAÚJO *et. al.*, 2013, p.15).

Ainda seguindo a definição de Araújo *et. al.*, por característica, o livro digital possui uma flexibilidade na forma de leitura e interação suporte-usuário, visto que o livro impresso tem como característica uma leitura linear, enquanto no mundo digital isso é quebrado; que permite uma leitura não linear, onde é possível ler fora da sequência, parar a leitura, ir para outros textos etc.

A disponibilidade do conteúdo conceitual dentro do suporte informacional, organizado perante seus padrões pré-estabelecidos é chamado de livro, assim como Machado (1994, p.204) define, “todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os voos de sua imaginação”. Logo, o tipo de suporte não define o que o livro é o deixa de ser, já que hoje o Códice é considerado um dos primeiros tipos de livros existentes.

“A concepção de livro limitada à referência à sua tipografia, se cristalizou a partir do século XV com o surgimento da imprensa de Gutenberg. Esse equívoco gera conflitos e insatisfação conceitual com os avanços tecnológicos e a evolução do livro.”(PAULINO, 2009, p.3). Portanto, o termo livro digital é inoportuno, podendo ser considerado uma forma de discriminação do livro num outro suporte, a fim de caracterizá-lo como um tipo inferior ou incompleto de livro. Segundo Furtado (2003, p.7), a palavra “eletrônico” acaba sobrepondo o livro de papel, como que definindo um novo “objeto imaterial definido com um conjunto de procedimentos de acesso e por uma estruturação lógica”.

Levando em consideração todos esses aspectos, o livro não pode ser “digital” e sim, estar num suporte digital, no qual a experiência de leitura vem a ser diferente graças à nova forma de leitura que trás sensações e experiências diferentes, visto o formato eletrônico, por vezes, não ser congruente ao tradicional em papel.

Assim, o livro eletrônico pode ser entendido como um instrumento que potencializa a interação usuário/leitor através de navegação, estimulando e ampliando através de

possibilidades hipermediáticas (DAMÉ, 2014), com ferramentas que permitem realizar várias tarefas ao mesmo tempo e buscar diretamente uma palavra no livro.

Os mais pessimistas dizem que com a tecnologia do suporte digital, o livro tradicional irá acabar (CHARTIER, 1999); outros afirmam que o livro digital não irá superar o de papel. Entretanto, não consideram a possibilidade da coexistência dos dois tipos, visto que a dinâmica de leitura e a forma de interação leitor-livro são diferentes entre si e assim, podendo suprimir necessidades informacionais diferentes para quem o lê aquele que o lê.

4 SOBRE O LIVRO DIGITAL

Quando se fala do livro digital, o *e-reader* – ou leitor digital, em português – vem à tona. Por se assemelhar ao papel graças a sua tecnologia *e-ink*, que é uma tela constituída de pigmentos magnéticos na cor preta e branca formada por camadas transparentes que contém em seu núcleo microesferas responsáveis pela montagem da imagem, simulando uma experiência física semelhante ao do livro tradicional; as chamadas letras em tinta digital, que permitem uma leitura mais confortável a seu usuário. “Tem como principal função simular o conforto visual oferecido pelo papel e tinta dos livros convencionais.” (NOGUEIRA, 2013, p.67).

A possibilidade de unir facilidade no transporte – mil livros podem ser levados dentro de um único leitor digital – somado a uma leitura confortável é atraente às maiorias dos públicos. Ainda assim existe a hesitação em sua assimilação como produto e suporte informacional.

Uma reportagem do Financial Times (FT)⁶ (*apud* Jornal O Globo) mostra exatamente isso. Contrariando o que se esperava pelo mercado, as vendas de livros de papel nas principais livrarias dos EUA, Reino Unido e Austrália subiram em 2014, e em contra partida, as das publicações digitais estão desapontando quem apostou que leitores digitais substituiriam o livro tradicional.

Ao reunir levantamentos de grandes redes de livrarias do Reino Unido como Nielsen BookScan e Waterstones, trouxeram que o número de livros físicos subiram em 2,4% e 5%, respectivamente, nas vendas. Nielsen indicou que os adolescentes de 13 a 17 anos preferem livros de papel. De acordo com os especialistas entrevistados pelo FT, esta é uma tendência que deve se manter pelos próximos anos, já que foi identificada uma forte influência de leitura

⁶ Acessível em <http://www.ft.com/home/uk>.

através de livros de papéis entre jovens, principalmente os de ficção para jovens adultos, que cresceram 12% em 2014.

Uma forte tendência à competição em relação a *e-books* publicados pela Amazon existe, que domina o mercado citado, assim tornando difícil para outras editoras ingressarem com sucesso no comércio de livros digitais. “O setor enfrenta várias ameaças estruturais. O domínio da Amazon significa que as negociações continuarão a ser fontes de tensão. A publicação independente continua a crescer... (...)”, continua o FT. Assim, percebe-se que a competitividade é baixa na área, apesar de ser notada que é necessária, de forma que o estímulo é pouco à valorização de livros digitais pelas editoras. Em suma, a Amazon consegue suprir as necessidades do mercado exterior de livros digitais, pela procura ser baixa.

O jornal El País⁷, entretanto, trouxe em sua pesquisa que apesar de reafirmar a Amazon como basicamente uma supremacia na venda de livros eletrônicos, ainda assim mantém um estoque de aproximadamente 583.000 títulos de livros – número que está continuamente em expansão. Os dados do Ministério da Cultura Espanhol afirmam que cresceu pela primeira vez em quatro anos a venda de livros de papel, a percentagem de 3,7% de crescida depois de uma recorrente queda de 29,5%. Já apresenta que nos últimos quatro anos, o livro digital cresceu 13,9% e é diretamente proporcional à queda de vendas das livrarias.

Ainda que as editoras pequenas da Espanha continuem dependendo do papel, afirmando que o livro tradicional é o centro do negócio, ao fazer-se um comparativo “fica claro que o papel tem enorme capacidade de resistência, apesar da crise (livro de papel versus livro digital), mas também que o livro eletrônico cresce de forma constante”.

Entretanto, ao falar em livro eletrônico, não se deve limitar-se apenas aos suportes leitores digitais/*ereaders*. Uma forma extremamente utilizada para leitura, tão digital quanto, é através dos *smartphones*, *tablets* e computadores. Na *internet*, existem milhares de títulos de livros disponíveis para *download*⁸, dos quais a maioria pode ser feita gratuitamente através de um simples clique. Porém, nem todos são feitos no formato *e-pub* ou *e-mobi*⁹ – o formato de arquivo que o leitor digital pode abrir – e sim, como simples *PDFs*¹⁰.

⁷ Jornal espanhol de grande circulação. Acessível em <http://www.elpais.com>

⁸ Terminologia utilizada para a transmissão de dados de um dispositivo para outro, constantemente associado a o ato de puxar um arquivo da *internet(online)* e armazená-lo num suporte (*off-line*)

⁹*E-pube e-mobi* são formatos de arquivos tradicionais de *ebooks*, ou seja, feitos exclusivamente para ser lidos através de leitores digitais.

¹⁰PortableDocumentFormat ou em português, Formato de Documento Portátil, é um formato de arquivo que representa documentos de maneira independente, criada pela Adobe Systems.

PDF é um formato de arquivo extremamente simples e que é aceito na maioria dos computadores, *tablets* e *smartphones*, sendo assim de fácil uso e acesso. Um dos mais famosos formatos cujo encontramos artigos de periódicos e livro é esse, inclusive até mais famoso que o *e-mobi* pela sua extrema praticidade. É lido em qualquer quase qualquer suporte eletrônico em LCD e não possui a mesma comodidade que o *e-redear*, assim, podendo muitas vezes ser associado a desconforto; como dores de cabeça e/ou na nos olhos, causados pelo fato da tela LCD não ser ter sido criada para fins de leitura, como a tela *e-ink*.

Não se pode ignorar que grande parte do acervo digital de livros encontrado na *internet* é pirateado. Sem respeitar os direitos de copirraite estipulados para este material, leitores disponibilizam-no e reproduzem-no para *download* na *internet* sem se preocupar, por muitas vezes, que essa atividade é ilegal, visando apenas o custo-benefício – por ser gratuito e não haver a necessidade de sair de casa para a obtenção do livro.

Entretanto, essa situação vivida não é nada nova, nessa revolução do suporte para escrita e formas de leitura – a história se repete, como diz Silva (2012, p.41-42), os livros que antes “seguiu o gosto dos ricos, passou a ser trabalho autônomo de comerciantes, que reproduziam obras baratas em grandes quantidades e que principalmente pudessem ser de acesso a um grande número de pessoas diversificadas.”

Assim, é visível encontrar o ponto em comum das duas situações: onde um público acaba procurando a mesma obra, através de meios mais baratos e acessíveis, democratizando os conhecimentos oriundos do livro e rebaixando sua erudição.

Uma pesquisa pelo Direct Textbook¹¹ (*apud* Paper News Wire¹²), publicada em setembro de 2015, procurou ver a preferência por formato de livro (físico e digital) entre estudantes universitários norte americanos; ela aponta que sete em cada dez entrevistados preferem livros impressos em vez de *e-book*. Na pesquisa, onde foram entrevistados através de questionário mais de 500 estudantes, trouxe como resultados que, 72% por cento dos estudantes universitários preferiam livros didáticos impressos em vez de *e-books*; 27% preferiam *e-books* e 2% não possuíam preferência.

Entre as motivações dos estudantes para suas preferências por livros didáticos impressos, estavam que esse tipo de livro são mais fáceis de ler e de destacar passagens importantes manualmente; mais baratos e não necessitar acesso a *internet* para ler. Além de acharem livros digitais difíceis de navegar e de manter a concentração na leitura, como

¹¹ Ferramenta norte-americana que oferece serviço comparação de preços de livros, acessível no site <http://www.directtextbook.com/>.

¹²<http://www.prnewswire.com/>

também o fato de professores não permitirem *tablets* ou laptops em sala de aula. E que eles de qualquer forma iriam imprimir as páginas do livro eletrônico, pois a leitura no suporte digital fazia os olhos doerem. Preferências pessoais como o não gostar da formatação da página do *e-books* preferir escrever observações na folha de papel durante a leitura foram destacados como motivos predominantes à preferência de livros impressos em vez de digitais.

Já para os alunos que preferem os livros eletrônicos, tiveram como argumentos que estes são mais baratos, leves, não precisam ser devolvidos- no caso, o acesso ao *e-book* é mais cômodo que o empréstimo em biblioteca – e mais respeitosos ao meio ambiente. Além de trechos dos *e-books* serem facilmente encontrados através da busca no documento, como também apreciavam as ferramentas de ajuste de brilho de tela e tamanho da folha poder ser ajustado, alguns *e-books* também podem converter texto em áudio e suportam aplicativos.

Também, foi percebido na pesquisa que vários entrevistados preferem os livros eletrônicos para leitura recreativa, mas não para o aprendizado acadêmico. Ou seja, sugere-se que tais usuários preferiam o livro digital pela existência da interatividade na leitura por ferramentas multimídia.

Diante destes dados acerca da preferência do livro impresso em detrimento ao digital, houve uma motivação de entender de forma que se dariam os hábitos e gostos por leitura digital, através de um recorte regional, levando como argumento de comparação ao que foi trazido anteriormente a respeito do tema.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

Para as pessoas que gostam de ler e fazem por prazer que responderam a questão 3, “O que você espera ao baixar livros (PDF, *E-mobi*/livro digital) na *internet*?”, várias alternativas foram marcadas quanto à resolução da pergunta por um mesmo respondente; assim, na Tabela 3 – Respondentes que leem por lazer, será mostrado as alternativas que mais foram marcadas quanto à expectativa do leitor, podendo obviamente, ter a possibilidade de cada uma das alternativas terem sido marcadas por um mesmo elemento da amostra.

Tabela 3 – Respondentes que leem por lazer

	Respostas	Porcentagem
Economia Financeira	30	55%
Por necessidade / Não tenho como acessar o livro de papel	20	37%
Facilidade de ler várias coisas ao mesmo tempo	8	15%
Facilidade ao transportar o livro	11	20%
	Respostas	Porcentagem
Praticidade para buscar um trecho/palavrado livro.	15	27%

Não leio livros digitais	9	17%
Conforto na leitura	3	5%
Total	96	

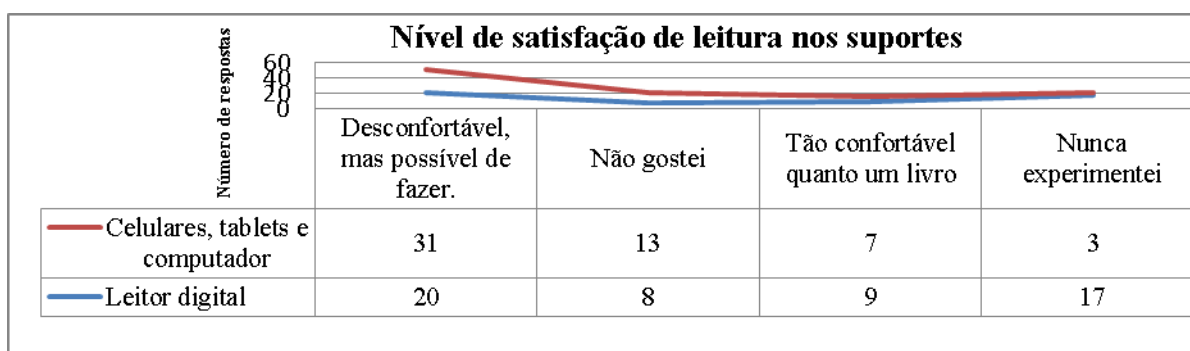
Em primeiro lugar veio “Economia Financeira” com 55% das marcações em segundo, “Por necessidade”, com 37%; números que chamam atenção e podem ser entendidos como o livro em suporte digital ser sempre escolhido como a opção mais barata ou mais fácil de ter acesso ao livro; visto que unindo as duas alternativas, temos a maioria das respostas.

Enquanto “conforto na leitura” está em último lugar, representando 5% do total, número inferior até aos alunos que marcaram “não leio livros digitais”, que é 17%. Assim, pode-se entender que os principais motivos para que os alunos de biblioteconomia leiam livros digitais é por necessidade – de cunho financeiro ou impossibilidade de acessar o livro de papel e, conforto na leitura não é uma característica que os livros digitais tem para esse público.

Como o número de quem lê por lazer e quem lê por necessidade não são proporcionais, não é possível concluir com certeza os reais motivos de leitura em suportes digitais por parte desse público, como também não é um dado relevante o suficiente para ser tabelado; entretanto, é interessante que “Economia Financeira” tenha 3 das 6 marcações de respostas, enquanto “praticidade para buscar um trecho/palavra do livro” tenha 2 respostas e “por necessidade/não tenho como acessar o livro de papel” possui apenas uma marcação.

Nas questões 4 e 5, são respectivamente as perguntas “O que você acha de ler por grande quantidade de tempo em leitores digitais?” e “O que você acha de ler por grande quantidade de tempo em celulares, *tablets* e computador?”, que foram analisadas conjuntamente.

Quadro 2 -



Dos respondentes, 57% marcaram “Desconfortável, mas possível de fazer” a leitura em suportes como celulares, tablets e computador, enquanto 37% em relação ao leitor digital. Entretanto, como 31% dos respondentes marcou “Nunca experimentei” em ler por grandes

quantidades de tempo em leitores digitais, não é possível dizer que a maioria dos respondentes acha desconfortável a leitura em suportes digitais.

Como 17% marcou na opção “Tão confortável quanto um livro”, é percebido uma tendência na consideração que a leitura em leitores digitais é algo confortável, muito aproximado do livro. Como são inversamente proporcionais, dá possibilidades de que o grau de satisfação em leitores digitais é maior que em celulares, *tablets* e computador, assim, se aproximando do livro em papel. O que acaba contradizendo o dado anterior, que poucas pessoas consideraram o livro digital desconfortável; ou seja: os respondentes pensam o livro digital como uma forma alternativa (mais econômica ou fácil) de ter o livro desejado, e consideram que este tipo de suporte é mais confortável que celulares, *tablets* e computadores para leitura, especialmente por grandes quantidades de tempo; entretanto, passa longe de ser tão confortável quanto um livro.

Tabela 4 – Você pagaria/paga para fazer *downloads* de livros em seu computador ou leitor digital/*e-reader*?

	Respostas	Porcentagem
Não, independente do suporte.	23	42%
Sim, menos para leitura em computador.	3	5%
Talvez (preço, custo benefício)	28	52%
Total	54	100%

52% afirmaram que comprariam livros digitais a depender do custo benefício. Com estes dados, pode ser inferido que a maioria da amostra apenas adquire livros digitais se for uma opção mais barata – ou até mesmo gratuita, apesar de achar relativamente confortável de ler, como foi visto no **Erro! Fonte de referência não encontrada..**

Por fim, como poucos experimentaram o livro digital – e estes consideraram de forma geral uma boa experiência, pode-se perceber uma tendência dos respondentes em considerar o livro digital algo confortável de ler, porém não equiparável ao livro de papel. Entretanto, se fosse necessário pagar para adquirir financeiramente o material, 42% marcaram que não comprariam, independente do suporte.

Ou seja, é perceptível que livros de papel são preferíveis a digitais em todas as formas de consumo; salvo em exceções como preço e custo benefício. Número esse que é passível de mudança caso mais pessoas venham à experimentar livros digitais em seus devidos suportes (*e-reader*).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados apresentados, pode-se concluir que o universo estudado – os alunos de biblioteconomia da UFPE –, não se interessam por livros digitais como algo que se vale a pena pagar para adquirir; e os motivos para isso seriam diversos, visto que este mercado anda sofrendo constantes baixas, como já foi mostrado.

O associar a leitura de livros digitais à economia financeira não é algo apenas relativo aos estudantes de biblioteconomia da UFPE. Leitores e estudantes da sociedade como um todo sempre deixam o *e-book* como segunda opção, e pouquíssimos levando em conta as utilidades do livro digital como praticidade no transporte ou possibilidades de leitura interativa. A maioria pensa apenas como um meio mais barato de adquirir o conteúdo do livro, como mostraram as tabelas; recorrendo muitas vezes ao material pirateado.

E esse é um dos maiores motivos para a desvalorização do livro digital – a sua distribuição ilegal acaba por ser, em teoria, diretamente proporcional aos motivos de procura de livros digitais por leitores em geral, podendo-se deduzir que, se fosse material pago, eles procurariam o livro em papel para adquirir comprando.

O livro digital deve ser utilizado no contexto brasileiro de forma mais efetiva, para que usuários diferentes com necessidades informacionais específicas possam utilizá-los, a fim de supri-las. Portanto, pode-se pensar que para uma melhor aceitação do livro digital, é necessário inseri-lo no cotidiano dos estudantes e leitores como forma válida de leitura; de modo que seu valor real não esteja em seu preço comercial e sim, nas possibilidades flexíveis de utilização que o mesmo possui.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº **10.753**, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 30 set. 2015.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999, 159p.

DAMÉ, G.M. **Livro eletrônico**: um estudo prospectivo da leitura interativa. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica). – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269p.

EL PAÍS. **O livro de papel resiste à avalanche digital**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/23/cultura/1445623004_054856.html?id_externo_rsc=FB_CM>. Acesso em: 5 nov. 2015.

ESTADÃO. **Crescimento na venda de e-books no Brasil deve continuar, diz especialista**. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,crescimento-na-venda-de-e-books-no-brasil-deve-continuar-diz-especialista,1156757>>

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Hucitec, 1992. 572p.

FISCHER, Steven Roger. **A história da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006. 472 p.

FURTADO, J. A. O pixel e o papel. **Ciberdifusão**, Coimbra, v.3, p. 1-61, jun. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: ATLAS S.A., 2012. 200p.

MACHADO, A. Fim do livro? **Estud. av.** [online]. São Paulo, v.8, n.21, p. 201-214, mai./aug. 1994.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Ática S.A., 1996. (Temas, v. 49)

NOGUEIRA, W. A. **O livro no fim do livro**: perspectivas para o leitor, autor e editor brasileiro sob a ótica da popularização dos novos dispositivos de leitura digital. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O GLOBO. **Venda de livros impressos sobem, enquanto digitais perdem popularidade, diz “FT”**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/negocios/vendas-de-livros-impressos-sobem-enquanto-digitais-perdem-popularidade-diz-ft-15020531>>. Acesso em: 9 out. 2015.

PAPER News Wire. **DirectTextbook**: 72% college students prefer print over ebooks. Disponível em: <<http://www.pnnewswire.com/news-releases/direct-textbook-72-of-college-students-prefer-print-over-ebooks-300135561.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

PAULINO, S. F. Livro tradicional x Livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus revista digital**, n.3, 2009.

SILVA, V. B. **Experiência de leitura**: entre o digital e o tradicional. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). – Faculdade de Comunicação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.